

O Matadouro como nova centralidade

Ribeira de João Gomes
Funchal, Madeira



Carolina Taron
Sub-orientação de:
Prof. Paulo David
Prof. Daniela Arnaut
Presidente do Júri:
Prof. Manuel Correia Guedes
Arguente:
Prof. Francisco Teixeira Bastos

O seguinte trabalho insere-se na cadeira de Projeto Final em Arquitetura, realizada entre Fevereiro de 2021 e Novembro de 2022, com a orientação do Professor Paulo David e da Professora Daniela Arnaut. O projeto desenvolvido tem como objeto de reflexão a Ribeira de João Gomes, localizada no Funchal, na Ilha da Madeira. O trabalho foi estruturado em 3 momentos, que correspondem aos 5 capítulos desta investigação que aqui se apresenta, respondendo ao desafio proposto. O primeiro momento corresponde à leitura do território, com vista a uma posterior intervenção sobre o mesmo, a Ribeira de João Gomes. Em seguida, é desenhada uma estratégia de reorganização do espaço urbano. Finalmente, é desenvolvido um programa que reative, e resinifique este tecido urbano.

RECONHECIMENTO - O reconhecimento marca a primeira aproximação ao local. É realizada uma leitura no sentido de estabelecer uma familiaridade com a Madeira, o Funchal e a ribeira.

INVESTIGAÇÃO - Neste capítulo é aprofundada a leitura do lugar. São desenvolvidos vários mapas de análise de diferentes temas e, consequentemente, são identificadas as problemáticas e as necessidades locais.

REESTRUTURAÇÃO URBANA - Tendo sido identificados os desafios e as oportunidades do território, avança-se para uma proposta de redesenho urbano. Esta proposta pretende revalorizar a Ribeira, conferindo-lhe novas vivências.

SIGNIFICADO DOS CORPOS - A partir das leituras realizadas, é identificado um lugar onde é desenvolvido um programa que se acredita que reativará e requalificará o espaço urbano. Neste capítulo, é descrito o programa e o espaço que o desenha numa relação de compromisso com a envolvente.

SOLIDEZ - Finalmente, discute-se a materialidade que dá corpo a um organismo de resinificação da ribeira João Gomes.



RECONHECIMENTO



Fotografia de visita ao local - Vista do avião



Fotografia de visita ao local - Vista dos poios



Fotografia de visita ao local - Ponta de São Lourenço

reconhecimento

reconhecimento



A MADEIRA

"Já se distingue as nodosidades disformes da terra e paredões, envoltos em fumaça que entra em rolos pelas fendas abertas da pedra; destacam-se, com majestade, do horizonte plúmbeo. Acentua-se a dureza, as chapadas, as ruínas, os cortes perpendiculares e cor de ferro, adirinha-se o drama que deve ter sido este parto, cheio de convulsões e de desmoronamentos, quando o grande cataclismo dilacerou e desmembrou o continente submerso, deixando patentes, neste resto, feridas que ainda hoje sangram. (...) A Madeira cortada por um machado que a abriu de lés a lés, atirando com a outra parte para o fundo do mar. (...) Só o homem! Só o homem é que se atreve a cultivar socatos abertos a fogo na perpendicular de faldria!"

A Ribeira de João Gomes localiza-se no Funchal, na ilha da Madeira. Situada no meio do Oceano Atlântico, esta é conhecida pela sua vegetação sub-tropical e topografia acidentada, que criam paisagens em escarpas vertiginosas ao longo de toda a ilha. A capital, o Funchal, na parte sul da ilha é uma cidade animada, que conjuga o frenesim citadino com a natureza selvagem e abundante.

1- BRANDÃO, Raúl; As Ilhas Desconhecidas, Lisboa: Quetzal Editores, 2011.

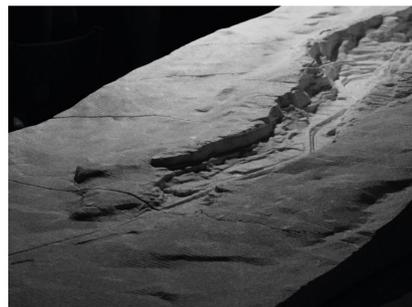
RIBEIRA DE JOÃO GOMES

No sentido de melhor caracterizar o lugar em estudo a área em foco será não só a Ribeira João Gomes, como também as suas áreas envolventes e o centro do funchal.





INVESTIGAÇÃO



investigação



TOPOGRAFIA

Uma das características mais importantes do Funchal, e da ilha em geral, é a sua topografia. Desde o interior até ao mar, o terreno da ilha desenvolve-se em escarpas acentuadas, com grandes declives, criando um enorme anfiteatro natural. Esta topografia muito particular reveste-se de uma elevada importância na vivência e na construção da cidade. Vários sistemas são desenvolvidos para modelar as diferenças de cotas, nomeadamente, os poios. Porém, devido à escassez de zonas planas, e mesmo com ajuda destes sistemas, uma considerável parte do edificado implanta-se em linhas de fecho, linhas de água, locais de grande declive, nos limites das escarpas e em outros sítios de difícil assentamento.



0 - 50m 50 - 100m 100 - 150m 150 - 200m 200 - 250m 250 - 300m 300 - 350m



investigação



Secção Transversal da Ribeira

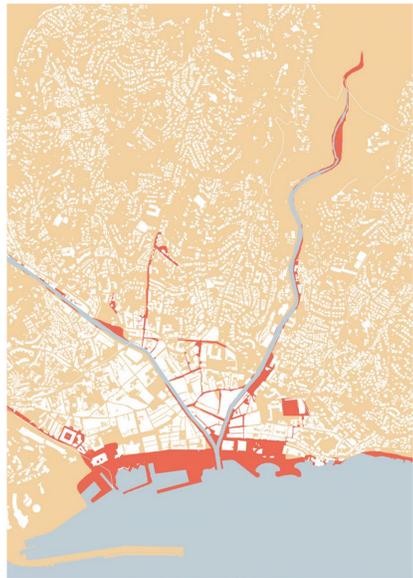
investigação



declive ligeiro declivo moderado declive acentuado



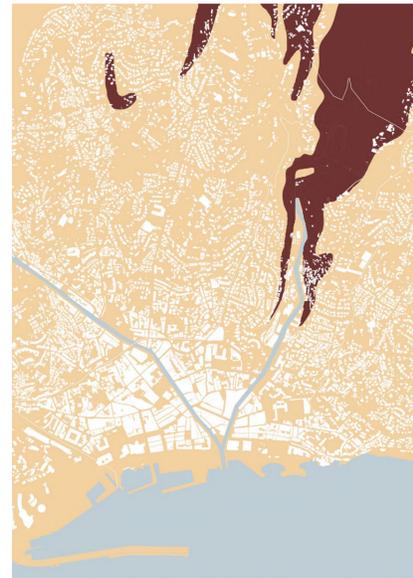
investigação



Amoça da subida das águas



Amoças de incêndios



Amoças de derrocadas

investigação



AMEAÇAS

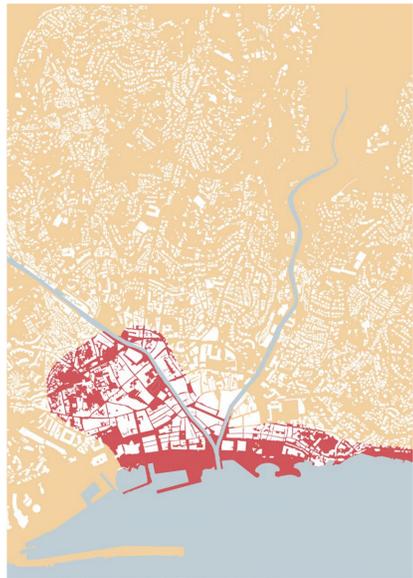
A natureza vincada do território é também caracterizada por um conjunto de ameaças naturais exponenciadas pelo modo como o Homem se tem relacionado com o território. Nas cotas das escarpas montanhosas a norte existe um elevado risco de incêndio, de derrocadas e aluviões, risco este que avança até à cidade. A sul, o mar e as ribeiras ameaçam o edificado com o avanço da água e cheias recorrentes. O Funchal fica limitado por estas ameaças naturais que constituem obstáculos na implantação da cidade. As construções sobrepõem-se a estas zonas de perigo, criando um confronto entre edificado e natureza que muitas vezes origina episódios de catástrofe, como foi o caso das cheias de fevereiro de 2010 e dos incêndios de 2017, incidentes que causaram grande destruição.



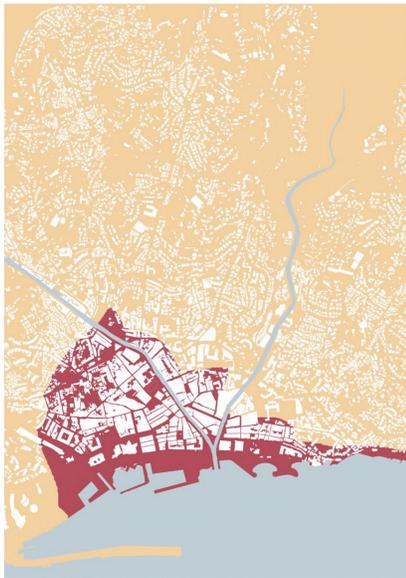
— Amoça da subida das águas — Amoças de incêndios — Amoças de derrocadas



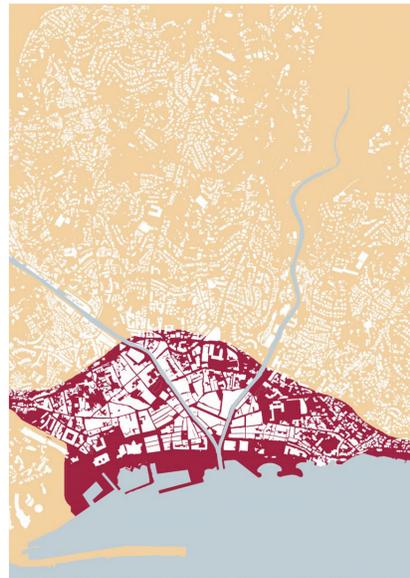
investigação



Século XV



Século XIX



Século XX

investigação



CRESCIMENTO DA CIDADE

A Madeira é descoberta em 1419, sendo o seu primeiro povoamento a este da Baía do Funchal. Alguns anos mais tarde, em 1450 obtém o estatuto de vila. Por essa altura começa também um crescimento mais acentuado devido à produção de cana-de-açúcar, o primeiro engenho surge na Ribeira de Santa Luzia. A expansão da vila orienta-se então para este eixo, alterando o seu desenvolvimento do lado nascente do Funchal para o lado poente, em direção à Ribeira de Santa Luzia e às montanhas. O Funchal compreenderá assim 2 núcleos urbanos desenvolvidos, o povoamento primitivo e a cidade açucareira (em crescimento) visíveis no atual centro histórico.

Estes fatores remetem a Ribeira de João Gomes para uma condição de menor povoamento e por isso menor atividade. Mais tarde traduz-se numa formação deste território menos organizada, onde acabam por instalar-se infraestruturas não desejadas no centro da cidade.



Século XV Século XIX Século XX



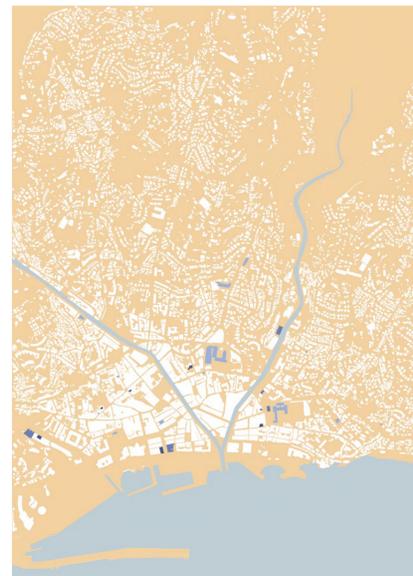
investigação



Turismo
Hotéis



Cultura
Museus
Centros Culturais
Teatros e Cinemas



Serviços
Proteção (polícia e bombeiros)
Escola
Bibliotecas
Hospitais

investigação



EDIFICADO

A cidade do Funchal desenvolveu-se mais vincadamente a poente, onde, consequentemente, se localizam os lugares de maior interesse.

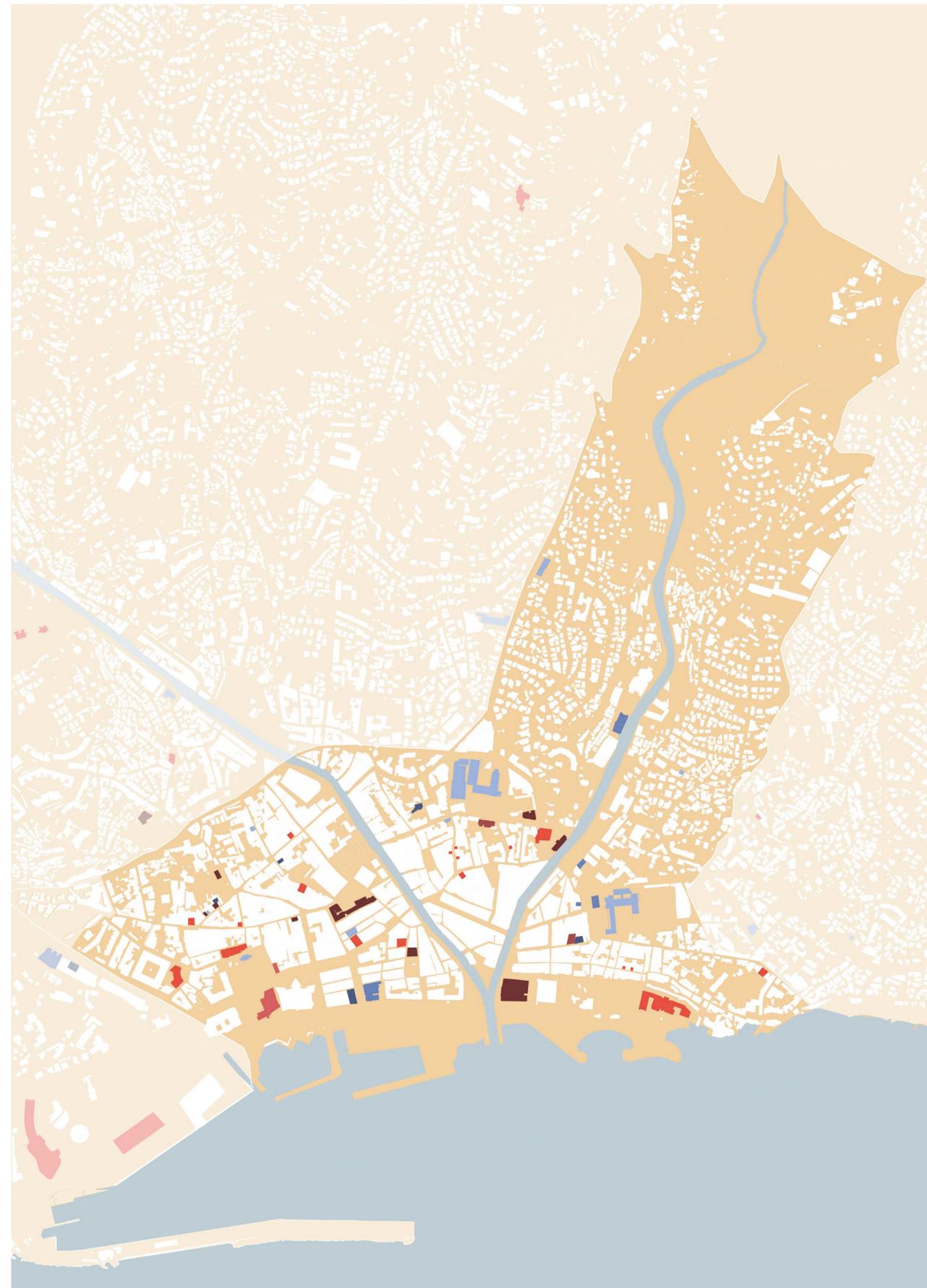
Nas últimas décadas, com o aumento das viagens, do turismo e da aviação comercial, o Funchal começou a ganhar popularidade como destino. Com a sua abundante e diversificada natureza, as paisagens exuberantes e o extenso oceano em sua volta, a Madeira atraiu muitos visitantes e a expansão da ilha acabou por se focar na atividade turística.

Para um melhor entendimento das vivências deste local, assim como das suas necessidades, a leitura compreendeu três grandes temas: cultura, turismo e serviços. Os polos culturais abrangem museus e centros culturais. Os lugares de turismo abrangem hotéis e outros tipos de alojamentos que sirvam os visitantes temporários da ilha. Os serviços incluem as estruturas que dão apoio à comunidade residente, como escolas, serviços de proteção (bombeiros e polícia) e hospitais.

A recolha desta rede de pontos evidencia a prevalência dos locais de turismo, em detrimento dos lugares de cultura. Comprova-se assim que ao longo destes anos a vertente cultural acaba por se encontrar em minoria em comparação à crescente vertente do turismo. É de notar também que a maior parte destes pontos de interesse se localiza no centro histórico, tendencialmente a poente, ficando, mais uma vez, a zona a nascente em défice de equipamentos em relação ao restante tecido urbano do Funchal.

*"Esta ilha é um cenário e pouco mais – cenário deslumbrante com pretensões a vida sem realidade e desprezo absoluto por tudo que não lhe cheira a inglês. (...) Vejamos, porém, o cenário pelo lado de trás... Turismo, álcool e açúcar têm degradado o povo e enriquecido alguns felizes da terra. (...) Lançaram os negociantes e os boleleiros, ajudando-se todos os outros numa alijação que tem aumentado sempre."*²

2- BRANDÃO, Raúl; As Ilhas Desconhecidas, Lisboa: Quetzal Editores, 2011.



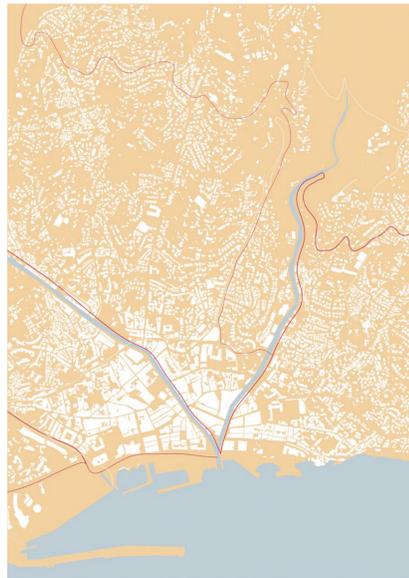
Hotéis Museus Centros Culturais Teatros e Cinemas Proteção (polícia e bombeiros) Escola Bibliotecas Hospitais



investigação



Vias rodoviárias principais



Transportes públicos urbanos



Transportes públicos interurbanos

investigação



ESTRUTURA RODOVIÁRIA

O crescimento de uma cidade implica o desenvolvimento de uma malha urbana, com seu respetivo equipamento, mas também de uma rede de acessibilidades, nomeadamente uma estrutura viária para suportar este desenvolvimento. E, no Funchal, devido às diferenças de cotas difíceis de vencer pelo homem, esta estrutura tem uma grande predominância, tornando-se o carro a solução mais confortável para as deslocações.

Neste estudo estão mapeadas as vias principais e as redes de transportes mais importantes da cidade. Esta leitura evidencia o uso das margens das duas ribeiras como grandes eixos viários, o que influencia muito a vivência na zona das ribeiras. O confronto entre o carro e o peão é constante e de grande proximidade, ficando o espaço dominado pela azáfama das viaturas.



— Vias rodoviárias Principais — Transportes urbanos — Transportes interurbanos



investigação

Imposição do edificado sobre a escarpa <i>Fotografia de Duarte Belo</i>	
Imposição do edificado sobre a escarpa <i>Fotografia de Duarte Belo</i>	Imposição do edificado sobre a Ribeira <i>Fotografia de Duarte Belo</i>
Imposição do automóvel <i>Fotografia de Duarte Belo</i>	Imposição do automóvel <i>Fotografia de Duarte Belo</i>
Imposição da natureza - corte na cidade <i>Fotografia de Duarte Belo</i>	Imposição da natureza - derrocadas <i>Fotografia de Diário de Notícias</i>

DOMINÂNCIAS NO TERRITÓRIO

Na área envolvente à Ribeira de João Gomes evidencia-se a implantação do edificado. No topo das escarpas as casas parecem em risco de derrocada a qualquer momento. A meia encosta, o ainda denso edificado apoia-se em pilares à vista, como pernas que as suportam, lutando pela sua implantação. E, nas margens da ribeira, infraestruturas competem com esta, ocupando terreno que antes lhe pertencia.

Outro aspeto preponderante deste local é a presença muito impositiva da motorização. O alvoroço é constante de automóveis, autocarros e motocicletas que descem e sobem a alta velocidade em cada margem. Duas faixas em cada sentido, sobrando apenas duas pequenas faixas de passeio para os caminhos pedonais, pondo em risco e criando desconforto a qualquer indivíduo que execute esta travessia a pé.

Por fim, em redor deste ataque de forças construídas existe a escarpa. Uma escarpa que tenta sobreviver a este sufoco imposto pela mão humana, suportando o que ficou da vegetação que costumava abundar na ilha. Em contrapartida, apesar da beleza desta condição natural, a topografia e a ribeira criam uma descontinuidade na cidade, desconectando as duas margens da ribeira.

*"Distingo os riscos violetas das encostas, as vivendas lá no alto entre vinhas e pomares, os prédios rústicos pendurados na rocha e agarrados à montanha, aberta no meio por um rasgo violento e romântico."*³

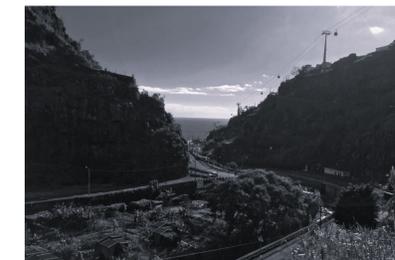
Após a análise ao território em questão, é possível distinguir três forças dominantes: a natureza, o edificado, e os veículos. Estas forças estão em contínua competição entre elas, lendo-se a maior disputa entre a natureza e o edificado.

Por um lado, a construção tenta dominar a topografia impondo-se a ela. Instala-se sem regras, não respeitando nem os seus limites, nem as suas necessidades. Implanta-se em locais de elevado risco, e para vencer o declive recorre a meios desadequados, descaracterizando a paisagem natural. Em vez de se adaptar à natureza, e tirar proveito da sua presença, procura anulá-la. É também exemplo disto a própria ribeira que é contida dentro de muros de betão, fronteira artificial que a torna invisível na leitura e vivência da cidade. Por outro lado, sob a pressão da construção, a natureza também responde, com consequências sobre esta. Exposto a várias ameaças e catástrofes naturais, o edificado vai se destruindo aos poucos. Cheias, incêndios e derrocadas vão engolindo e oprimindo as construções. Temos assim duas forças dominantes que em vez de conviverem e se articularem de modo a proporcionarem a desejada qualidade de vida, prejudicam-se.

A terceira força dominante, os veículos, apesar de não competir tão flagrantemente com as outras duas linhas de ação, concorre com a vida do habitante. Tendo sido desde muito cedo colocado ênfase no automóvel no planeamento da cidade, este acaba por ganhar uma importância excessiva. Percorrendo a cidade o peão sente-se um intruso ao lado do automóvel, pondo em causa o usufruto desta cidade.

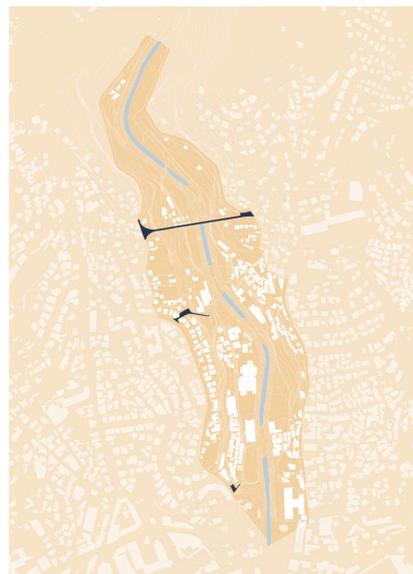
O foco deste trabalho passa maioritariamente por combater e tentar trazer uma harmonia entre estas forças que lutam entre elas.

³- BRANDÃO, Raúl; As Ilhas Desconhecidas, Lisboa: Quetzal Editores, 2011.

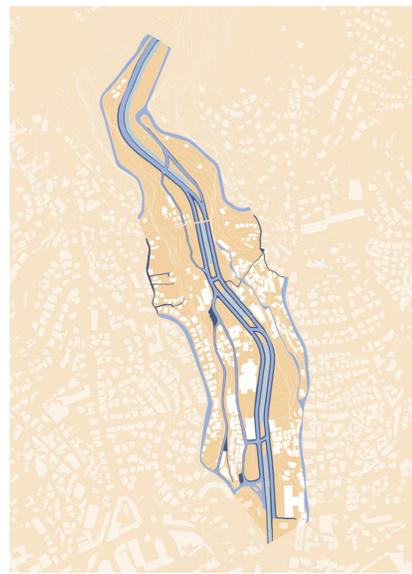




REESTRUTURAÇÃO URBANA



Dominância da natureza - Passagens pedonais



Dominância do carro - Nova circulação pedonal e rodoviária



Dominância da edificado - Rede verde

REESTRUTURAÇÃO URBANA

Como visto no capítulo anterior, foram detetadas 3 forças dominantes neste território. A proposta urbana resultante da análise visa, em primeiro lugar, encontrar uma solução para cada uma dessas forças de modo a alcançar uma melhor harmonia nas vivências. Em segundo lugar, é lançada a ideia de uma rede de pontos de interesse que possam regenerar a vida deste local e expandir a centralidade do Funchal em direção à Ribeira João Gomes.

1ª FORÇA – DOMINÂNCIA DO EDIFICADO

Esta força dominante age sobre a natureza silenciando-a. Não a respeita, nem entra em diálogo com a sua envolvente, a construção implanta-se em qualquer lugar, sem critérios. A estratégia proposta para um redesenho urbano que reestrutura esta massa edificada concretiza-se na criação de uma rede de espaços verdes ao longo da ribeira. Eliminando algumas construções descaracterizadoras da ribeira, cria-se uma sucessão de espaços verdes entre as duas margens, originando um grande espaço verde contínuo que enquadra o edificado e cria uma massa de vegetação que ladeia a ribeira, conferindo-lhe de novo o sentido de natureza. Esta estrutura verde desenha-se nas duas margens, proporcionando uma comunicação mais clara entre estas duas.

2ª FORÇA – DOMINÂNCIA DA NATUREZA

A condição natural da Madeira confere-lhe uma organização territorial com difíceis constrangimentos para vencer. A topografia acentuada causa uma ferida na malha urbana da cidade. Atravessar a cidade do Funchal torna-se uma ação complexa devido ao seu carácter acidentado e descontínuo, o que se manifesta também na Ribeira de João Gomes. Inserida no vale entre duas elevadas escarpas, o corte no território é profundo e a ausência de comunicação entre as duas margens é evidente.

A ligação entre as duas margens é assim um dos principais objetivos da intervenção proposta, com o desenho de percursos de acesso, elevadores, escadas, e passagens aéreas que possam unir os dois lados da ribeira e coser a malha urbana.

3ª FORÇA – DOMINÂNCIA DO CARRO

A última força que se impõe e prejudica a vida nas imediações da Ribeira de João Gomes é o automóvel. Sempre em alta velocidade, percorrem as avenidas que ladeiam a ribeira sobrepondo-se ao péio, remetendo-o para um espaço reduzido e constrangido em vez de um espaço de lazer e permanência. A proposta urbana visa a restaurar o papel do péio no discurso da organização da cidade. São redesenhadas ruas de acesso pedonal, abrem-se novos caminhos e os passeios são alargados. Com estes gestos pretende-se que quem percorra a ribeira se sinta protegido dos efeitos do carro e com liberdade para a desejada apropriação e fruição do espaço.

PONTOS DE INTERESSE

Para além das estratégias definidas para superar as forças de dominância são também introduzidos momentos estratégicos que possam oferecer equipamentos de interesse público dinamizadores desta área. São propostos quatro pontos de interesse: um já existente; o matadouro, a ser reabilitado, e mais três pontos novos, ao longo da Ribeira, intercalando-se entre as duas margens. Estes equipamentos são unificados pela estrutura verde que passam a ser uma.



Passagens pedonas Circulação pedonal Circulação rodoviária Rede verde Edificado de interesse





SIGNIFICADO DOS CORPOS

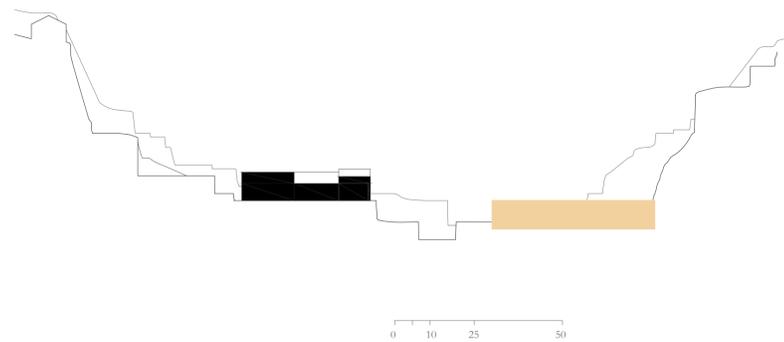


Matadouro antes do início das obras
© Google Maps



Matadouro em obras (estado aquando da visita ao local)
© Google Maps

significado dos corpos

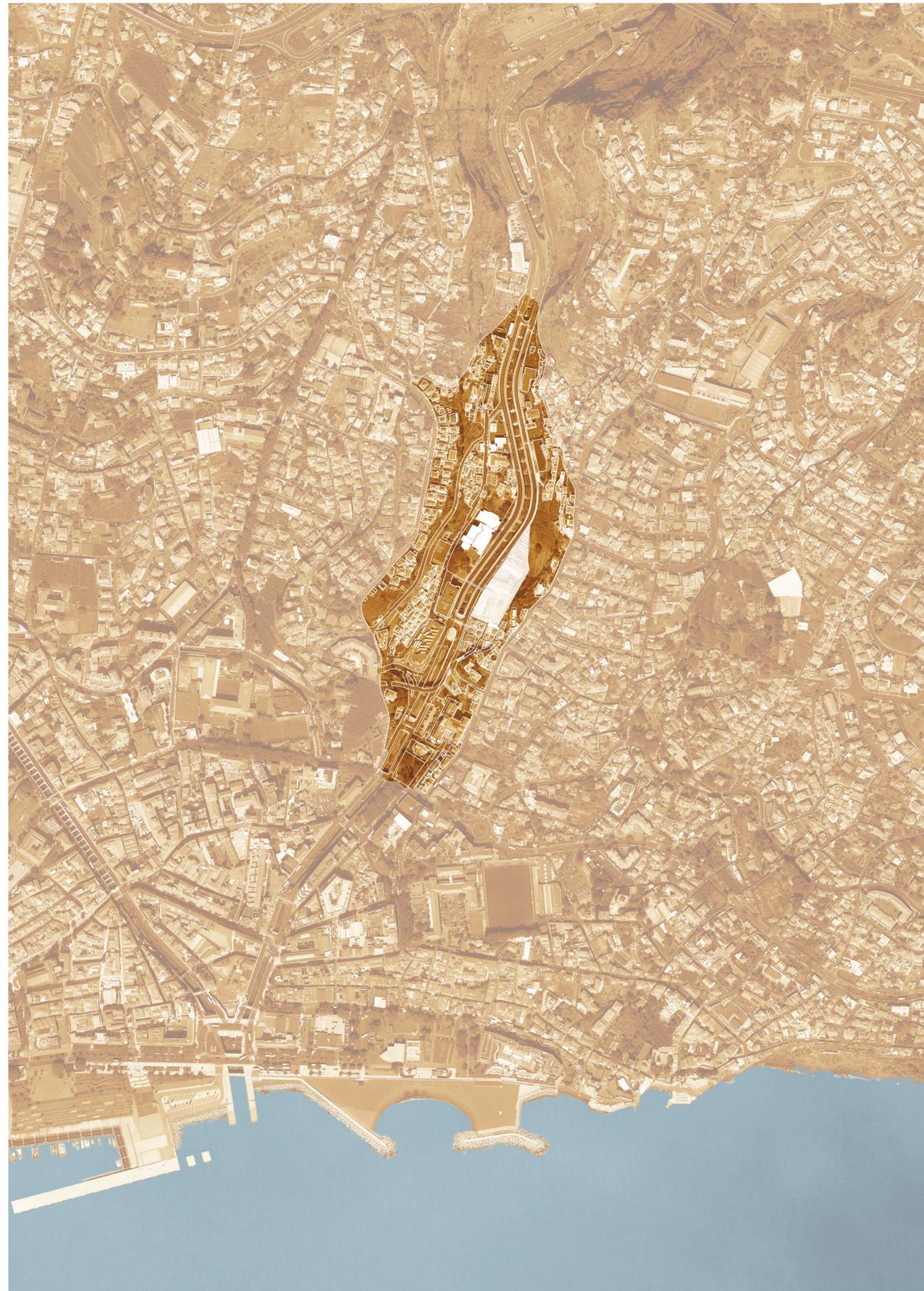


O LUGAR

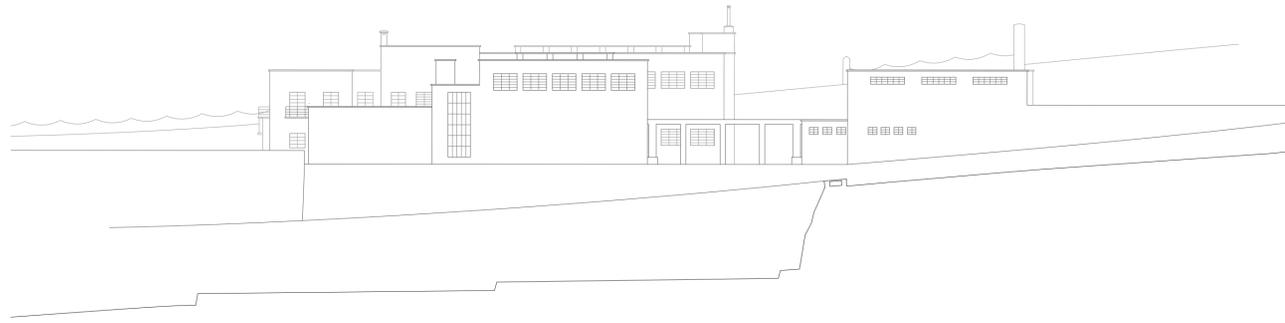
Atualmente, na ribeira de João Gomes, encontra-se a ser construído um novo centro cultural. Este centro cultural aloja-se dentro do Matadouro, tendo sido desenvolvido um projeto de reabilitação que permita a adaptação do antigo programa para o novo programa. O projeto "reaproveita" as instalações do antigo matadouro, demolindo parte do edifício antigo e acrescentando-lhe uma nova construção. Em vez de se integrar no contexto e valorizar o Matadouro, um edifício que deveria estar protegido pela sua classificação municipal, este impõe-se com uma volumetria que lhe rouba parte do protagonismo. Na realidade, é mais um edifício que entra em conflito com o contexto em vez de o valorizar ou reorganizar. Este é um caso sintomático de um sítio sobre o qual urge agir de modo a tornar-se um lugar ao serviço da população e que contribua na construção da paisagem.

Na margem oposta ao Matadouro, quase no mesmo alinhamento que este, encontra-se uma estação de autocarros, um espaço não solidificado e de aspeto temporário, que por sua vez também colabora para a descaracterização da ribeira. Este espaço, que consiste num alargamento da margem da ribeira, surge como oportunidade para acolher um edifício, que possa dialogar com o Matadouro e que não só o resqualifique como também resqualifique este local indefinido. Este sítio revela-se ideal para criar uma ligação entre as duas margens, entre a parte norte e sul da ribeira e entre as cotas mais altas. É um lugar com o potencial para despoletar uma costura da malha urbana.

Estas são as razões que levaram à escolha deste local para uma intervenção, criando uma nova centralidade a leste da cidade, com um novo equipamento de uso coletivo.



significado dos corpos



Mercado dos Lavradores Mercado dos Lavradores
Fotografia de Cultura Maderna *Fotografia de Cultura Maderna*

Fotografia do Matadouro
Fotografia do Arquivo da Madeira

Fotografia do Matadouro - Interior Fotografia do Matadouro - Interior
Fotografia do Arquivo da Madeira *Fotografia do Arquivo da Madeira*

Fotografia do Matadouro - Pormenor Fotografia do Matadouro - Entrada
Fotografia do jornal Público *@michhabita.funchal.pt*



O ANTIGO MATADOURO

O Matadouro do Funchal foi inaugurado nos anos 40 do século XX, da autoria dos arquitetos António Couto Martins (1897-1970) e Miguel Simões Jacobetty Rosa (1901-1970). Construído ao mesmo tempo que o Mercado dos Lavradores, estes dois edifícios adquirem uma importância na definição da cidade por se destacarem como os programas de maior preocupação no programa de reformulação da cidade executados na época. A sua relevância para o Funchal é consolidada pela sua classificação em 2013, devido a ilustrar um exemplo de estrutura do período do estado novo.

*"O Matadouro identifica-se como moderno e amplo, com um acento monumental do Português Suave, mantendo-se fiel ao seu propósito industrial. Este apresenta volumes geométricos com fachadas ritmadas por amplas janelas, os seus tetos apresentam uma magnífica estrutura metálica em tom carmin que demonstra todo o processo que era realizado nas instalações. O imóvel é coberto por um terraço visitável."*⁴

A construção, simples, harmoniosa e de grande clareza, organiza-se em dois níveis, aproveitando o desnível do terreno, para alojar todo o programa, otimizando e aproveitando-se do contexto onde se insere. Genericamente, as obras desta altura caracterizam-se por uma planta maioritariamente retangular, com algumas variações, coberturas em terraço, despojo de elementos decorativos, marcação dos vãos, linhas horizontais, geometria simples, mas com um jogo de cheios e vazios dos distintos volumes dos edifícios, tal como se vê no emblemático Matadouro. Este edifício implanta-se no território em clara adição e afirmação sobre uma plataforma, como se possasse em cima de um pódio, destacando-se na envolvente da Ribeira.

É um edifício que traduz uma época e um estilo de arquitetura que foram definidores no Funchal, e por esta razão é urgente preservar este edificado.

⁴ - Matadouro Municipal do Funchal: Sobre a História e os seus Equipamentos, Funchal: Divisão da Cultura e Turismo.





Alçado Este

Fotografia do Matadouro
© Google Maps

Fotografia do Matadouro - Construção
© "Matadouro de Funchal em Transformação"

Fotografia do Matadouro - Interior
© "Matadouro de Funchal em Transformação"

Fotografia do Matadouro
© Google Maps

Fotografia do Matadouro
© Google Maps

Fotografia do Matadouro - Interior
© "Matadouro de Funchal em Transformação"

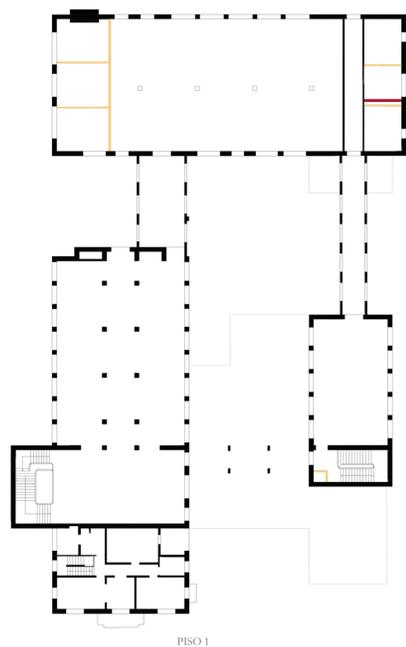
Fotografia do Matadouro - Interior
© "Matadouro de Funchal em Transformação"



NOVO MATADOURO

Abandonado já há vários anos o Matadouro necessitava de um novo propósito. Foi lançado um concurso público com o objetivo de transformar o edifício num centro cultural. Este novo projeto inclui a reabilitação total da construção e a criação de 3 espaços distintos: um de exposição, outro de "co-work" e um auditório. Porém, pode-se questionar se esta estratégia propõe um critério válido de reabilitação, nomeadamente pela demolição parcial do Matadouro e adição de uma nova estrutura para albergar o programa, em competição com o edifício existente. Além de gerar um conflito com a pré-existência, esta nova estrutura não se integra nem resolve o envolvente. Não se identifica um real entendimento do Matadouro, com a adição de um bloco volumétrico com fachada às ripas, sem referência ao existente, e simplesmente adossado ao antigo edifício. O Matadouro acaba assim por perder a suas características originais que o distinguiam, perde-se o jogo volumétrico entre cheio e vazio, perdem-se as linhas simples e horizontais e perde-se o seu deparamento.

A proposta para esta investigação consiste na criação de uma solução alternativa à reabilitação que está a ser levada a cabo. A estratégia passa por valorizar o matadouro como elemento principal e protagonista do espaço urbano, e expandir a intervenção à criação de um lugar de fruição da população local e visitante, redesenhando toda a envolvente, valorizando a cidade e cozendo o seu território.



PISO 1

REPENSAR O MATADOURO

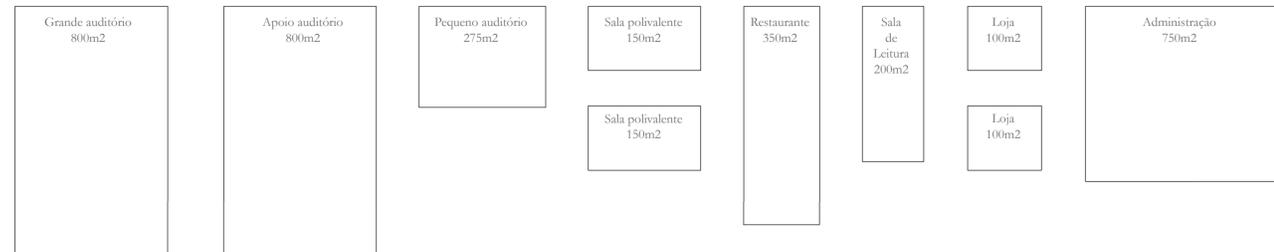
A proposta tem assim como ponto de partida o Matadouro. Entendemos que, sendo um edifício emblemático da cidade, precisa de ser mantido e preservado. Os trabalhos que foram executados atualmente sobre o Matadouro não serão tomados em conta, e partir-se-á do princípio de que o Matadouro se encontra como estava antes destes. A estratégia escolhida para atuar neste edifício será então de repor a sua forma e desenho originais, baseando a pesquisa na documentação de arquivo. Serão removidos os acrescentos que foram introduzidos ao longo dos anos e será deixada a sua estrutura à vista. Esta "limpeza" permitirá ter um espaço com a clareza inicial, livre e fluido, onde será possível a apropriação do espaço para diferentes propósitos. Assim o Matadouro fica livre de equipamentos pesados que possam prejudicar a sua integridade e leitura. Todas os equipamentos pesados que forem necessários à sua nova função serão alojados num novo edifício.

Em volta do Matadouro é desenhada uma estrutura verde que envolve o edifício criando um refúgio da estrada e conferindo qualidade de vida a este.



PISO 0





INSITUIÇÕES DE CULTURA

ESPAÇOS EXPOSITIVOS

1_ Porta 33 – É um projeto de produção de arte contemporânea, sem fins lucrativos. Esta instituição é composta por duas vertentes, as residências de artistas e a galeria, onde são expostos vários trabalhos inéditos. Em paralelo são também organizados colóquios, visitas guiadas e eventos procurando divulgar o lugar e criar uma relação mais estreita entre o público e os artistas. Apesar da complexidade, esforço e boa organização investida nesta instituição esta concentra-se num espaço pequeno que não permite o acontecimento de eventos de grande escala.

2_ Capela da Boa Viagem – Pequena capela onde convive a cultura e o culto. No seu interior estão expostos quadros do pintor Henrique Franco. Faz também parte do programa a organização esporádica espetáculos, tertúlas e instalações, sempre limitadas pelo espaço disponível e pela convivência com a vertente de culto.

TEATROS

3_ Balão de Cristal – Teatro localizado num pequeno edifício de dois andares que reúne características de um edifício de habitação. Apenas dispõe de uma sala que está capacitada para um numero reduzido de lugares (aproximadamente 30).

4_ O Moniz - Carlos Varela – Sala de Teatro da Escola Secundária Jaime Moniz destinada maioritariamente à companhia “O Moniz – Carlos Varela”, porém organizando também ocasionalmente outros espetáculos e festivais. Sala com lotação para aproximadamente 200 pessoas.

5_ Teatro Municipal Baltazar Dias – Teatro Municipal do Funchal. É o único local da cidade quem tem capacidade para a apresentação de espetáculos de grande escala. A maior sala tem capacidade de 384 lugares.

CENTROS CULTURAIS

6_ O Centro Cívico de Animação e Cultura Edmundo Bettencourt - Espaço dedicado ao poeta Edmundo Bettencourt, encontra-se encerrado pois o seu programa era muito específico e o seu funcionamento carecia de organização.

7_ Centro Cultural Anjos Teixeira - Ainda em funcionamento, situa-se num edificado que anteriormente foi uma moradia unifamiliar. É um edifício pequeno onde o espaço é reduzido, capacitado para eventos muito limitados, como pequenas exposições.

IDENTIFICAÇÃO DE UM PROGRAMA

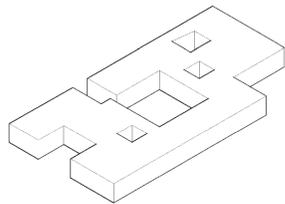
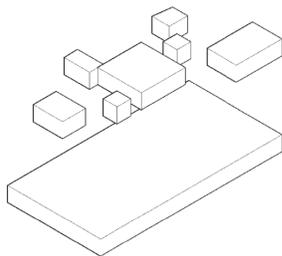
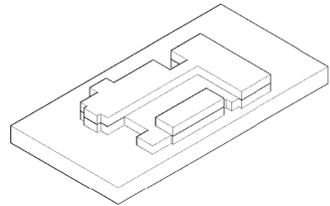
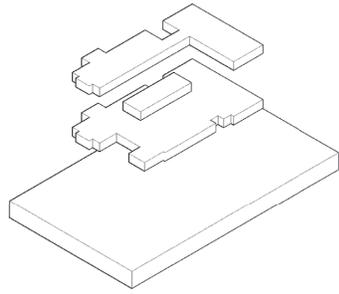
O programa designado pelo concurso público para dar um novo propósito ao Matadouro corresponde a um novo centro cultural. No decurso do desenvolvimento do projeto foi realizada uma investigação para perceber se faria sentido aceitar esta proposta programática. De modo a dar resposta a esta questão foi realizada uma relevância dos locais que servem a cultura. Dentro destes encontram-se, espaços expositivos, teatros, e centro culturais. Na pesquisa reunida (presente acima) é possível concluir que estes sítios são escassos e de dimensões pequenas. Esta condição já tinha sido introduzida nos capítulos anteriores, onde foi destacado que as instituições de cultura estavam em desvantagem em número em relação aos locais de turismo. Não existe um local que reúna condições suficientes para ter um programa híbrido que seja capaz de organizar vários tipos de acontecimentos desde amplas exposições até grandes espetáculos. Conclui-se que é prioritário construir um novo centro cultural que possa albergar várias valências, bem equipado e que possua espaço para acomodar grandes eventos. O programa será assim composto por um grande auditório, um pequeno auditório, duas salas polivalentes, espaço expositivos, restaurante, lojas, sala de leitura, parte administrativa e um corpo de residência artísticas.



— Insituições culturais

significado dos corpos

significado dos corpos

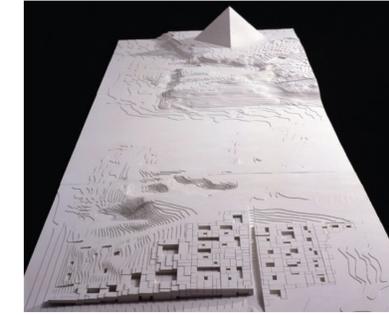


Casa de Luz III - Chillida © www.subtely.com Maquete do Grande Museu Egípcio © Aires Mateus
 Centro de Artes de Sines © www.archdaily.com Centro de Artes de Sines © www.archdaily.com

ARQUITETURA POR SUBTRAÇÃO

Um novo edifício terá de ser construído para albergar os novos espaços do centro cultural de modo a não prejudicar as estruturas do Matadouro. Esta nova construção será implantada na margem da ribeira oposta ao Matadouro, reforçando assim a ligação das duas margens, há muito perdida pelo encanamento da ribeira. A estratégia passa pela valorização do espaço público e da envolvente, criando uma nova topografia, com a integração da nova estrutura. São assim criadas novas ligações e coze-se este território desconexo.

Este local de implantação é definido pela escavação de uma parte da encosta feita pelo homem, de modo a conseguir apropriar o lugar para ser habitado, deixando uma ferida na escarpa. O projeto parte de um preenchimento parcial desta fenda por uma plataforma, um gesto de reposição de parte da massa existente, procurando diminuir o impacto que esta tem na envolvente. O desenho deste centro cultural é desenvolvido através de uma relação de contraste com o Matadouro. Como visto anteriormente, o Matadouro, pode ser definido como uma arquitetura de "adição", um edifício simplesmente pousado numa plataforma. O novo edifício, será desenvolvido ao contrário, uma arquitetura de subtração, em que se retira matéria à plataforma que foi reposta, diluindo-se na topografia, tentando ser o mais discreto possível na paisagem.



Para perceber melhor em que consiste e como se traduz esta arquitetura de subtração são estudadas duas obras que serão tomadas como referências. O Centro de Artes de Sines e o Grande Museu Egípcio, ambos de autoria dos arquitetos portugueses Aires Mateus.

O Centro de Artes de Sines, projetado pelos arquitetos Aires Mateus, surgiu como iniciativa da Câmara Municipal de Sines. Entre vários locais propostos pela Câmara, a dupla de arquitetos escolheu um lote no centro da cidade que marca a ligação desta com o mar e a entrada para o centro histórico. Este projeto teve como objetivo ser uma nova entrada. O edifício parte do desenho de um bloco monolítico, que depois se abre em pontos estratégicos criando ligações, pátios e entradas. Este bloco é rasgado ao meio por uma rua, ficando dividido em duas partes, de modo a dar continuidade à malha urbana, desenhando uma nova ligação e trazendo a vivência cidadã para o seu interior, permitindo que qualquer passageiro atravesse o edifício. Outros dois vazios são recortados em cada um dos blocos, originando pátios para usufruto dos utentes do Centro e para a entrada de luz que permita a iluminação natural das salas. Apesar do seu volume monolítico, com poucas aberturas para o exterior, o edifício vira-se para a sua própria rua num vão contínuo horizontal que revela a sua atividade interior. A ligação dos dois volumes é feita pelo subterrâneo, nível onde estão alojados os espaços expositivos.

Em 2002 é lançado um concurso para a criação de um novo núcleo museológico, no Cairo, Egito. O local cedido para o museu é situado nas proximidades das impressionantes Pirâmides de Gizé. A dupla de arquitetos Aires Mateus começa por realizar uma leitura atenta do contexto. As pirâmides, contrastando com a sua envolvente marcadamente horizontal e árida, distinguem-se como um marco histórico monumental.

"Em comparação com as suas áreas circundantes relativamente rarefeitas e com a paisagem predominantemente horizontal, estas enormes massas parecem atingir a dimensão quase impossível de fenómenos cósmicos: a terra, o céu e as estrelas."⁵

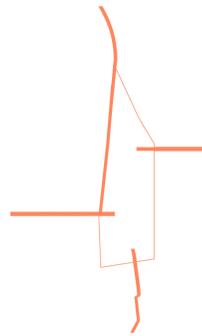
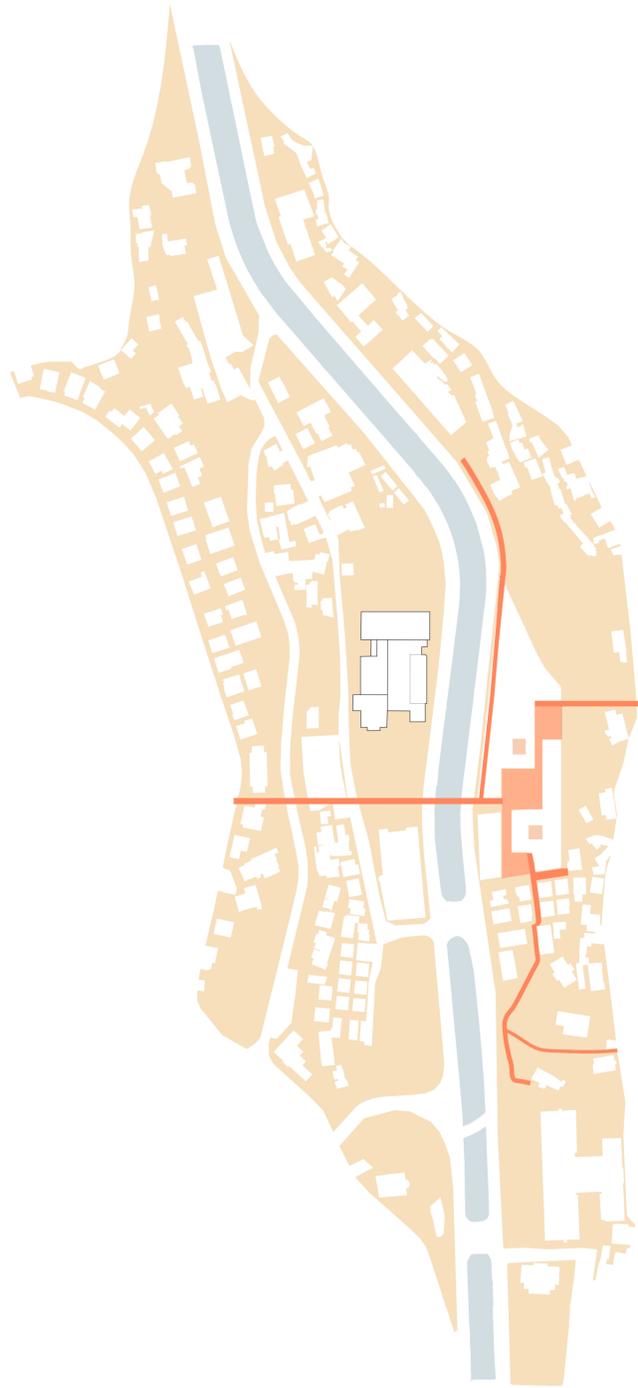
Tomando como referência as pirâmides e a sua inscrição na paisagem, a estratégia consiste em reforçar a sua presença como marco, o novo museu dialoga com estes monumentos, por oposição. Instala-se no terreno à cota das pirâmides e o seu interior é escavado a partir dessa linha. Cria assim um contraste com a verticalidade das pirâmides, pondo estas em evidência. A partir do alinhamento da pirâmide de Khafre, tomando este como seu eixo orientador, o projeto desenvolve-se numa planta retangular e ortogonal, de onde surge um jogo de chãos e vazios que gera percursos, vistas, praças, ruas, pátios, e acolhe o programa museológico que contém espaços expositivos, centro de congressos, laboratórios, auditório, biblioteca, áreas comerciais e de lazer e um parque de estacionamento. Os espaços são contidos entre dois planos horizontais que pontualmente se abrem para conceber salas de pé-direito duplo, conferindo dinamismo ao edifício. A cobertura, situada ao mesmo nível que o terreno, oferece um lugar de estadia onde é possível observar a paisagem. Este projeto distingue-se pelo jogo de contrastes, cheio/vazios, horizontal/vertical, e pelo seu carácter subtrativo, parte de um volume maciço, do qual se retira massa para a criação de um edifício.

"Uma compreensão mais cuidadosa do local requer, então, um diálogo contínuo entre arquitetura e arqueologia, construção e vestígio, massas edificadas e vazios, aquilo que é visível e o que é invisível. A entidade do lugar estabelece-se por meio de uma relação quase paradoxal entre a evidência sublime do local e a sua evanescência subtil. Atinge-se este objetivo através de uma lógica de complementaridades: a definição de uma linha foca a atenção num ponto; a abertura de uma depressão é juxtaposta a uma emergência; a sugestão de um vazio induz a construção."⁶

Eduardo Chillida (1924 - 2002) é um artista que também trabalhou através da subtração. Escultor espanhol, este procurava criar espaço dentro das suas esculturas através da subtração de massas a blocos maciços. Obcecado com a definição de espacialidade afirma que esta só pode ser definida quando enclausurada pela "materialização de uma caixa"⁷. O próprio artista descreve-se como "Arquiteto do vazio"⁸. É a partir deste vazio que se constrói o espaço. O vazio permite ser capturado por uma superfície, e fechado, e assim se torna espaço. É preciso uma manifestação material para fazer aparecer esta condição de espaço ao olho humano. É sobre estas condições que Chillida trabalha e explora.

O desenho deste novo núcleo do centro cultural apoia-se no estudo e análise destes casos de estudo, nomeadamente dos seus princípios e estratégias. A plataforma artificial criada parte da cota da cobertura do matadouro, o edifício desenvolvendo-se abaixo desta linha, retirando massa e criando vazios, para poder albergar o seu programa. Estes vazios são definidos consoante as ligações que se pretende estabelecer no território e abrem-se para vistas de relevância. Nas imediações da ribeira tão poluída e ameaçada pela proximidade dos automóveis, esta nova plataforma proporciona uma nova vivência no seu interior e protege o visitante da algazarra da rua. Constitui-se por outro lado como um vasto espaço verde, jardim público que envolve o matadouro e a cidade e que funde o edificado nesta natureza.

5/6 - BELO RODEIA, João e CAMPO BAEZA, Alberto; 2G 28: Aires Mateus, Barcelona: 2G Editora, 2004.
 7,8 - DAVIDTS, Wouter; Not unlike scale models: Eduardo Chillida and architecture, Frankfurt: Goethe University, 2015.



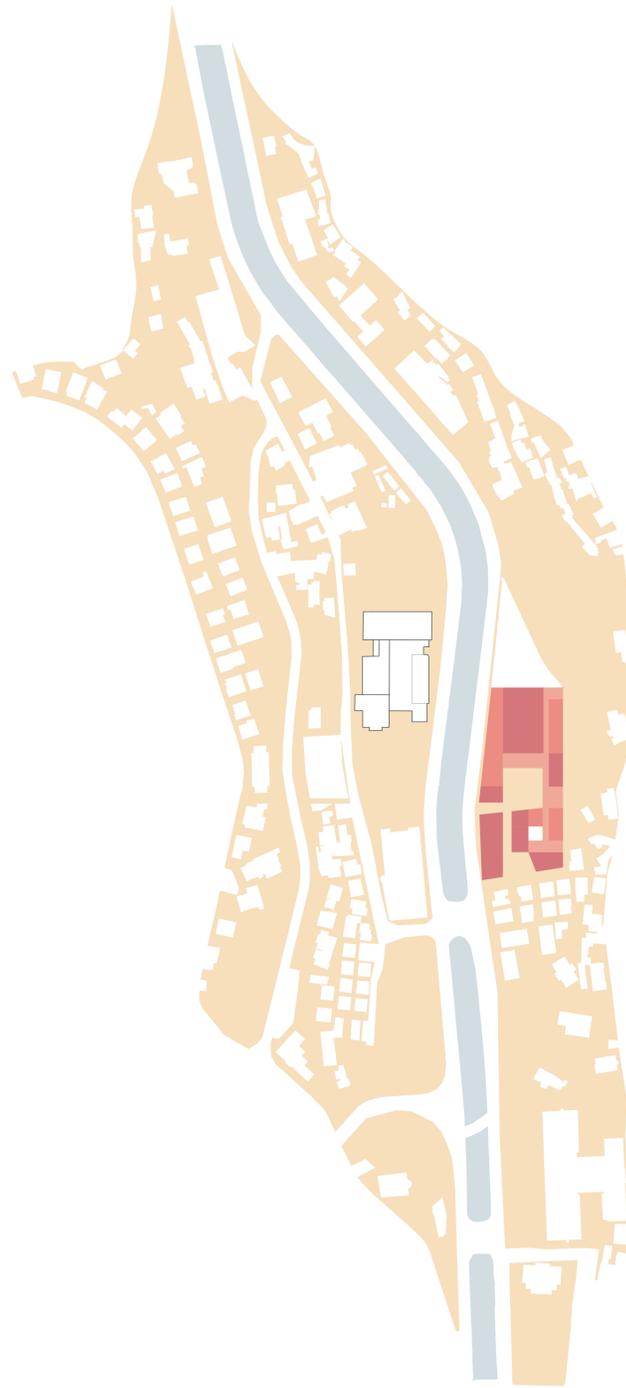
Ligações urbanas



Rua interior e pátios principais



Pátios secundários



Espaços servidos



Espaços servidores



Espaços de circulação



NOVAS LIGAÇÕES

Partindo de um bloco maciço, o vazio será escavado originando novas ligações territoriais e aberturas que permitam alimentar o programa de luz natural e espaço exterior. No interior deste bloco é rasgada uma nova rua interior. Esta rua parte de um acesso por escadas, na parte a sul do edifício, que se prolonga até chegar aos limites do centro cultural. Entra-se por este através da abertura de uma pequena praça, que faz de rótula com a cidade. A partir desta praça a rua atravessa o centro cultural, indo desembocar noutra praça de pequena escala, mais intimista. O percurso continua através de um elevador que dá acesso a cotas superiores. Este novo percurso permite a ligação da ribeira com pontos elevados, anteriormente de difícil acesso, e permite também um percurso alternativo da subida e descida da ribeira que não seja feito pela avenida principal, onde o carro engole o transeunte. Esta é a linha definidora do projeto. Dando continuidade a esta rede de novas conexões é também criada uma passagem entre a nova "plataforma" e a plataforma do matadouro, permitindo assim a costura das margens da ribeira. No Matadouro é também implantado um elevador que accede às cotas superiores. Estes dois novos elevadores, um em cada margem, constituem-se como elementos

de continuidade da malha urbana, conferindo à cidade maior facilidade do seu atravessamento, e permitindo trazer os habitantes para esta ponta do Funchal.

Do lado da avenida, o edifício aparece como um volume maciço, que só revela o interior pontualmente: dois rasgos laterais que dão entrada ao edifício, um recorte que aloja uma grande varanda com vista para o mar e uma entrada para a garagem. O encerramento para a rua, numa fachada como um grande muro cego, responde à necessidade de proteger o visitante do exterior, da avenida barulhenta e proporciona uma vivência calma no seu interior.

Outros dois vazios são subtraídos ao volume da plataforma, criando dois pátios, um em cada extremo do Centro Cultural. Estes organizam o seu espaço interior, trazem luz e oferecem vistas sobre a avassaladora escarpa que surge por trás edifício.

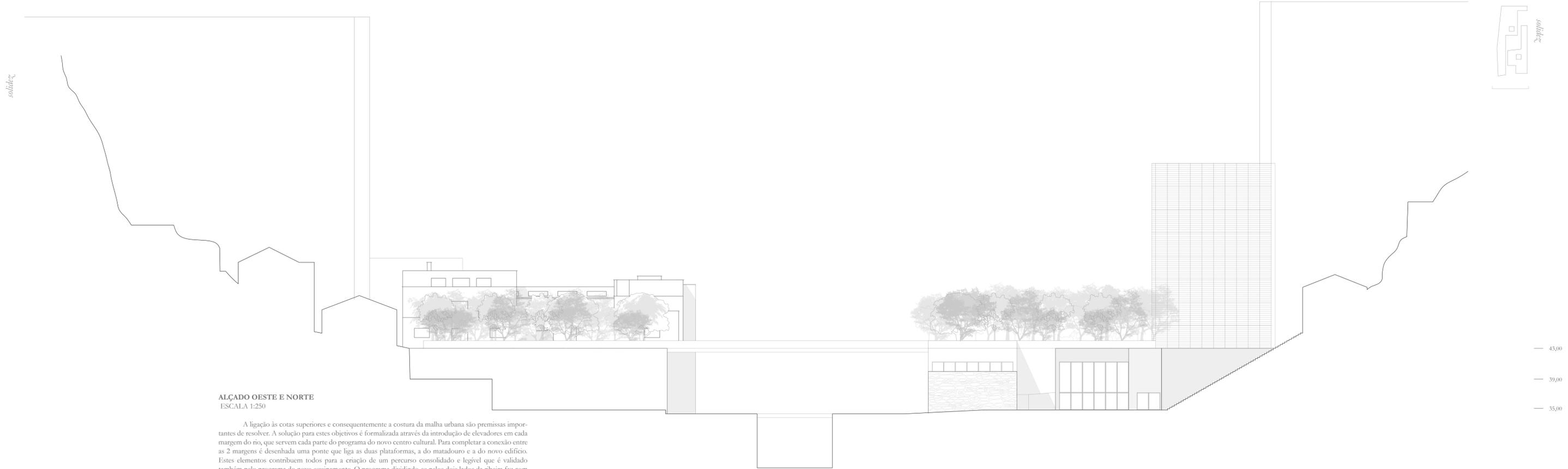
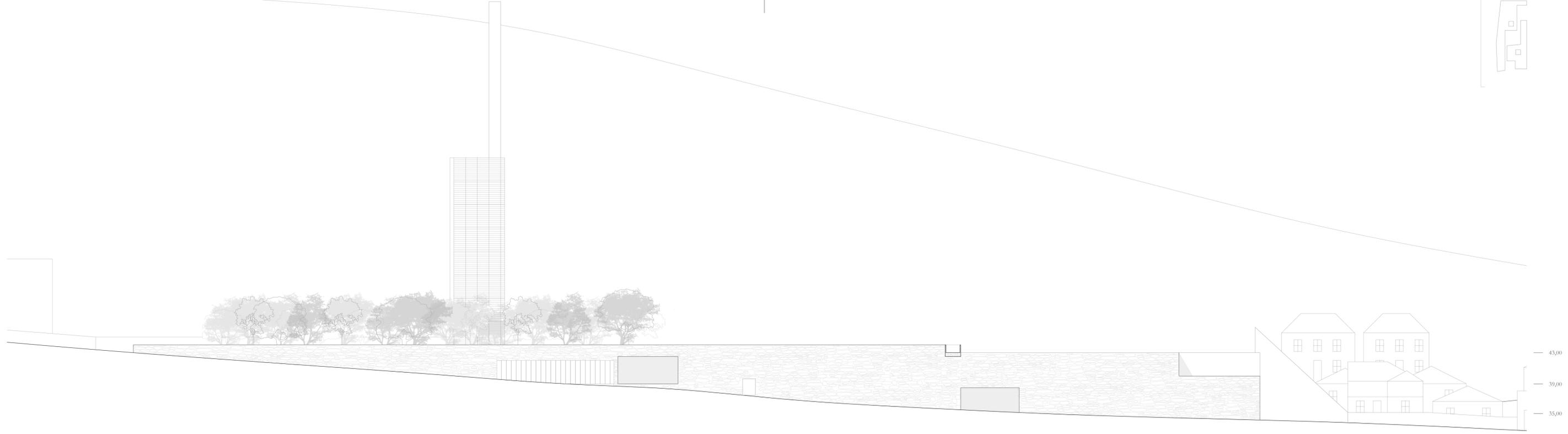
São estas ligações ao território que validam o projeto, reorganizando o espaço e tornando esta intervenção fundamental à valorização desta envolvente.

ORGANIZAÇÃO INTERNA

Consideram-se fundamentais ao programa do Centro Cultural, a definição de espaços servidores e espaços servidos. Os espaços servidores, espaços secundários, que se situam numa hierarquia inferior aos espaços servidos, serão colocados lateralmente, nas extremidades do edifício, em zonas onde não existe contacto com o exterior. Os espaços servidos, mais preponderantes e onde se desenrolam as atividades principais, ficam assim alocados no centro dos edifícios. Abrem-se para os pátios, os quais permitem a sua iluminação natural e vistas sobre o exterior.



SOLIDEZ



ALÇADO OESTE E NORTE
ESCALA 1:250

A ligação às cotas superiores e consequentemente a costura da malha urbana são premissas importantes de resolver. A solução para estes objetivos é formalizada através da introdução de elevadores em cada margem do rio, que servem cada parte do programa do novo centro cultural. Para completar a conexão entre as 2 margens é desenhada uma ponte que liga as duas plataformas, a do matadouro e a do novo edifício. Estes elementos contribuem todos para a criação de um percurso consolidado e legível que é validado também pelo programa do novo equipamento. O programa dividindo-se pelos dois lados da ribeira faz com que estes sejam dependentes um do outro e crie assim uma aproximação e ligação forte entre as duas margens.

A materialidade do novo edifício é traduzida numa casca de pedra e num miolo de betão. Na frente de rua, a fachada assume-se como um grande muro de pedra tosca basáltica emparelhada, que se confunde com a escarpa e liga-se à estrutura dos poios, procurando integrar-se na envolvente. Entrando em diálogo com este, o interior do projeto é feito de betão escuro consolidando o cromatismo e discrição da proposta.

Distingue-se também no alçado a criação de uma torre que albergará as residências artísticas. Este faz contraponto com a horizontalidade do projeto quebrando assim a sua monotonia.





PLANTA DE LOCALIZAÇÃO
ESCALA 1:2000

A parte nova do centro cultural localiza-se na margem da Ribeira oposta ao matadouro, escavada numa nova plataforma. Ambas as partes são enquadradas por uma estrutura verde que se intercala entre os dois lados da ribeira dando a sensação de o Matadouro se encontrar envolto num grande jardim.



MATADOURO
 Entrada - 1
 Espaço expositivo - 2
 Workshop - 3
 Instalações Sanitárias - 4



Espaços de espetáculo / performance



Espaços de trabalho / estudo

TORRE
 Quarto - 1
 Cozinha - 2
 Instalações Sanitárias - 3
 Acessos - 4



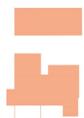
solides

solides

PLANTA PISO 3 a 9
 ESCALA 1:250



MATADOURO
 Entrada - 1
 Espaços expositivos - 2
 Administração - 3
 Acessos - 4
 Instalações Sanitárias - 5

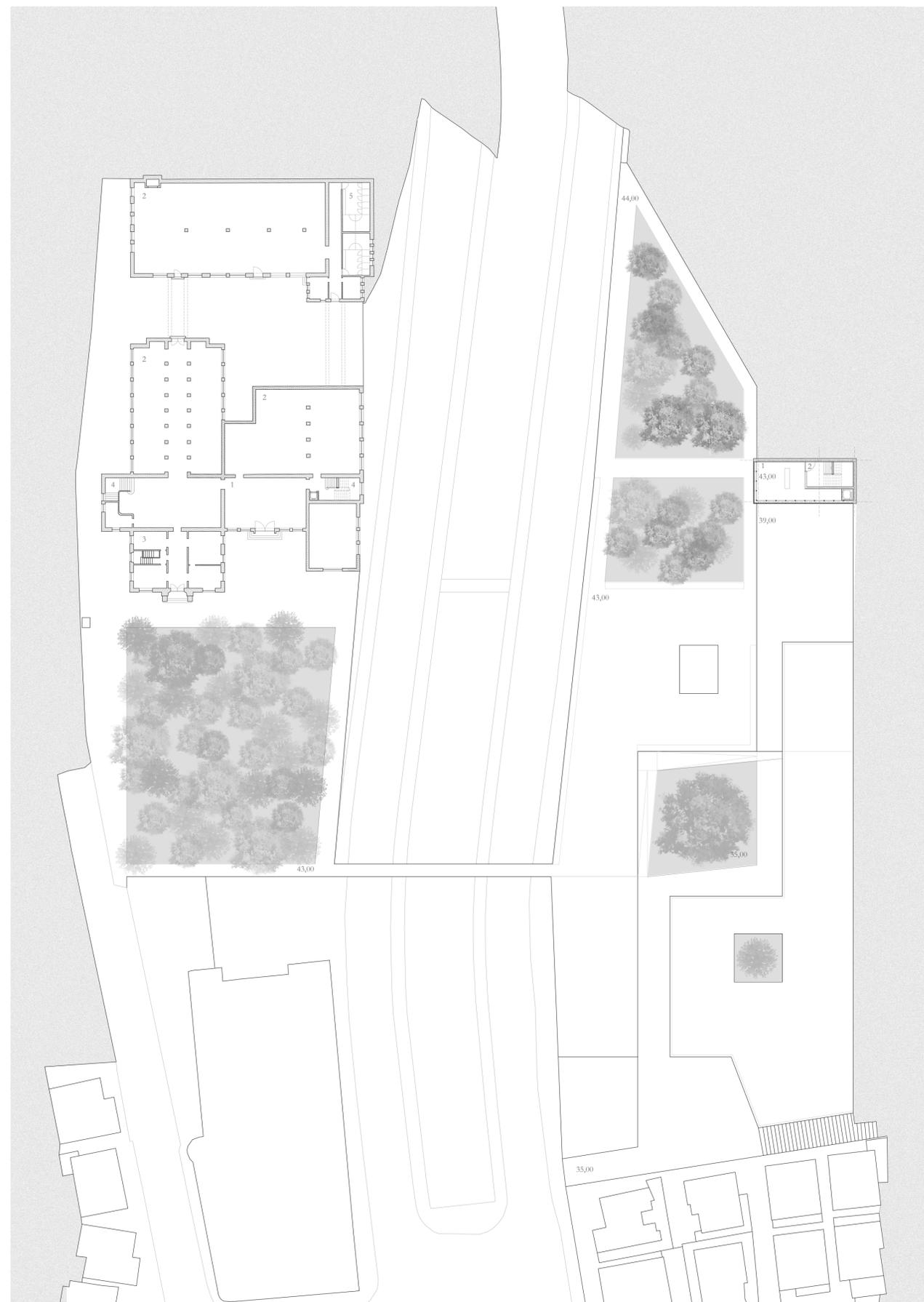


Espaços expositivos



Espaços de trabalho / estudo

TORRE
 Entrada - 1
 Acessos - 2



solides

solides

PLANTA PISO 2
 ESCALA 1:250

- Entrada - 1
- Foyer - 2
- Audatório - 3
- Sala Polivalente - 4
- Loja - 5
- Sala de Leitura - 6
- Restaurante - 7
- Cafeteria - 8
- Cozinha - 9
- Bengaleros - 10
- Instalações Sanitárias - 11
- Acessos - 12
- Arrumos Gerais - 13
- Arrumos Auditório - 14



Espaços de espetáculo/ performance



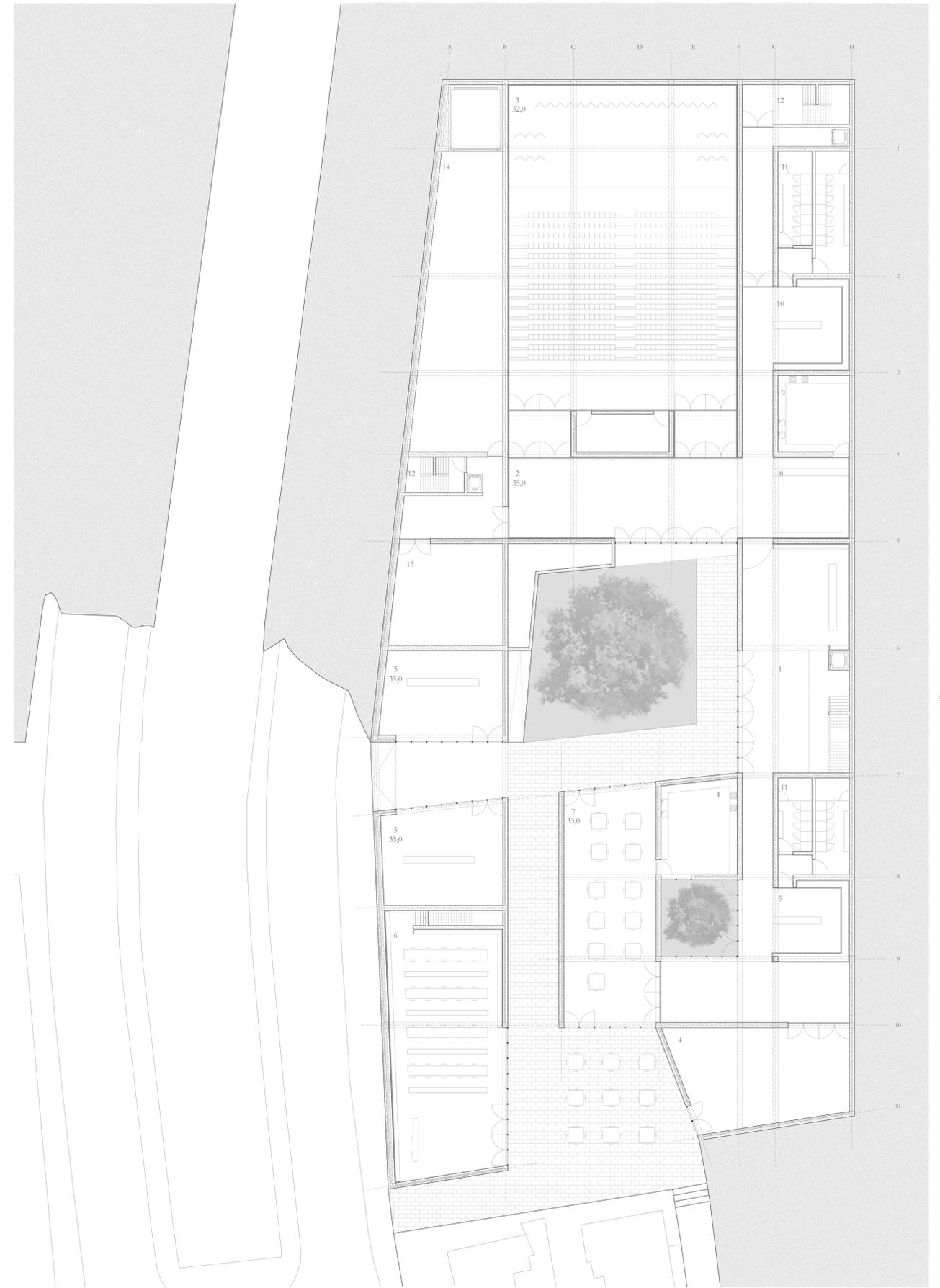
Espaços de comércio / restauração



Espaços de trabalho / estudo

PLANTA PISO 0
ESCALA 1:250

O piso 0 é o piso principal, que dá acesso ao interior do programa e onde convergem as ligações aos vários pontos da cidade.



- Foyer - 1
- Pequeno Auditório - 2
- Sala Polivalente - 3
- Sala de Leitura - 4
- Vizanda - 5
- Escritórios - 6
- Sala de Reuniões e Copa - 7
- Ateliers da Residência de Artistas - 8
- Acessos - 9
- Instalações Sanitárias - 10
- Arrumos Sala de Leitura - 11
- Cargas e Descargas - 12



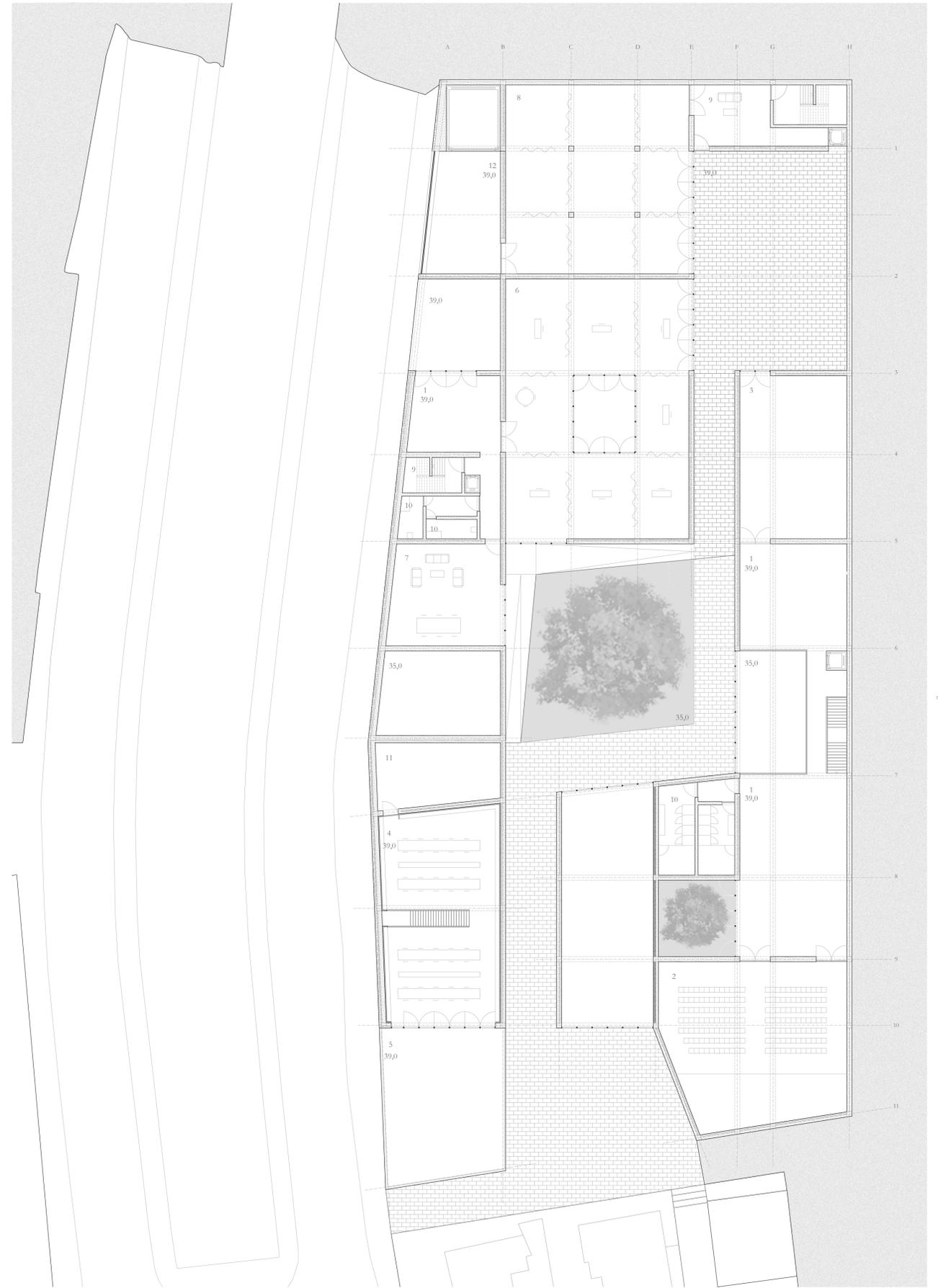
Espaços de espetáculo / performance



Espaços de trabalho / estudo

solides

PLANTA PISO 1
ESCALA 1:250



solides



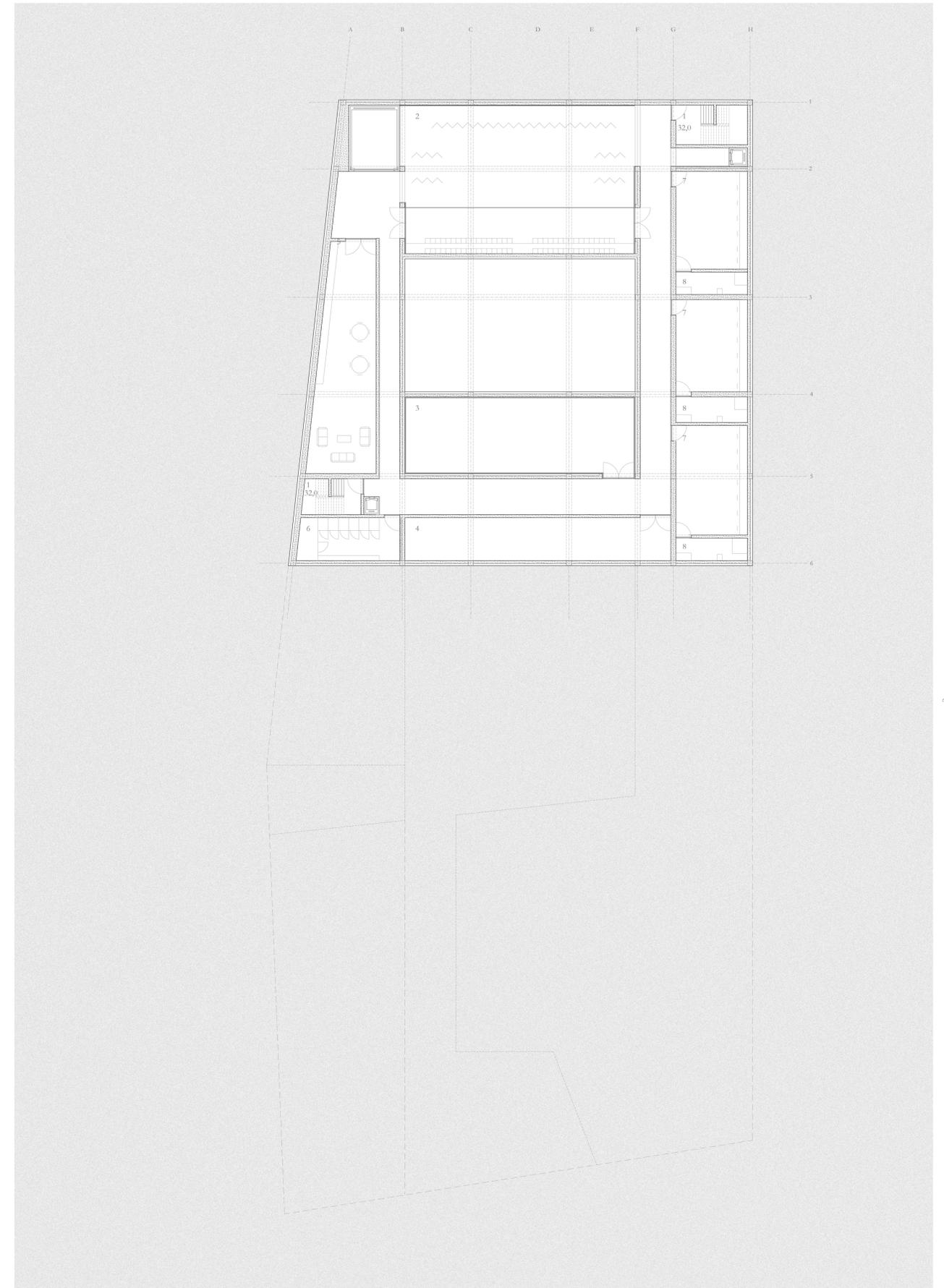
- Acessos - 1
- Auditério - 2
- Sala de Ensaios - 3
- Área Técnica - 4
- Área de Convívio - 5
- Instalações Sanitárias - 6
- Camarins - 7
- Instalações Sanitárias dos Camarins - 8



Espaços de espetáculo/ performance

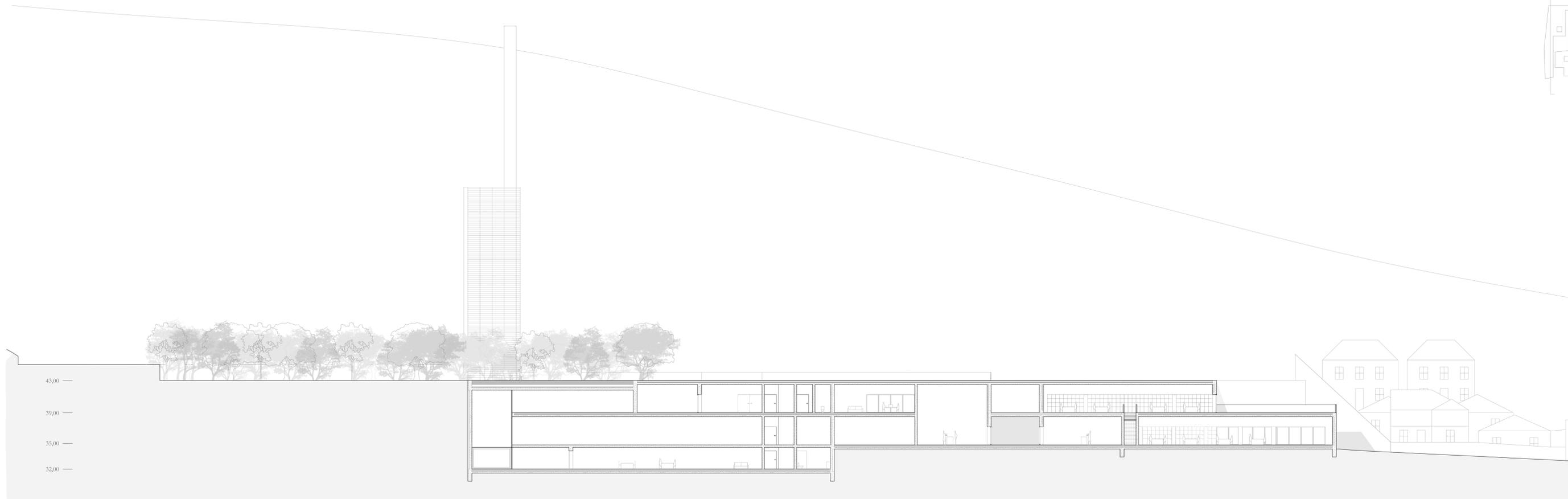
solides

solides



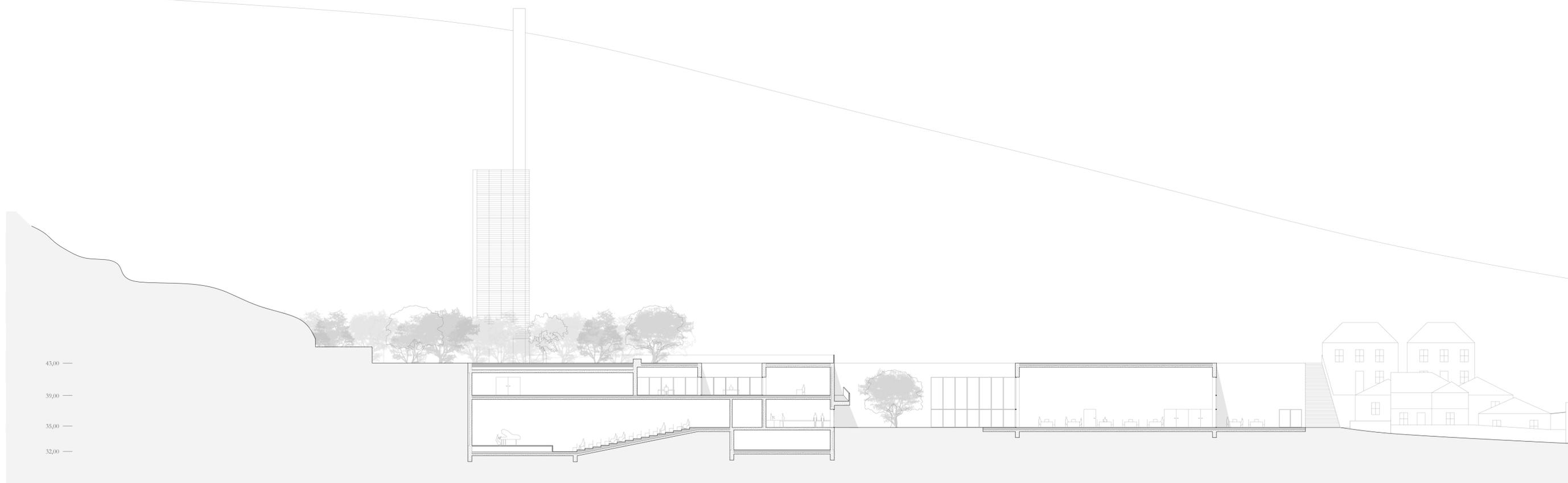
PLANTA PISO-1
ESCALA 1:250





solides

solides



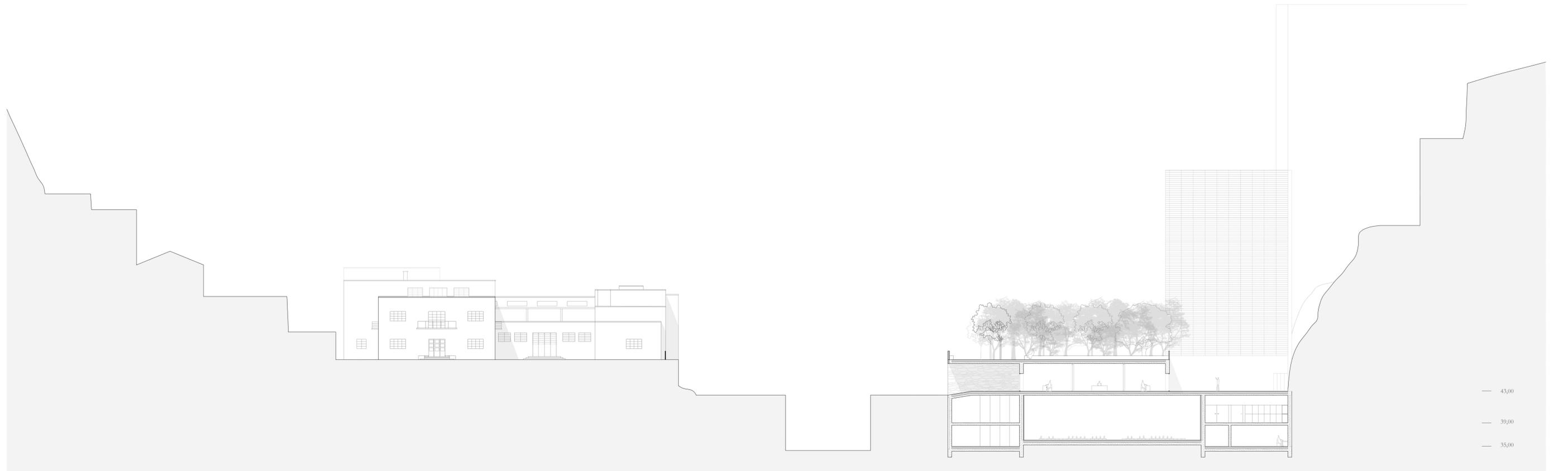
CORTES TRANSVERSAIS
ESCALA 1:250

0 2,5 5 12,5 25



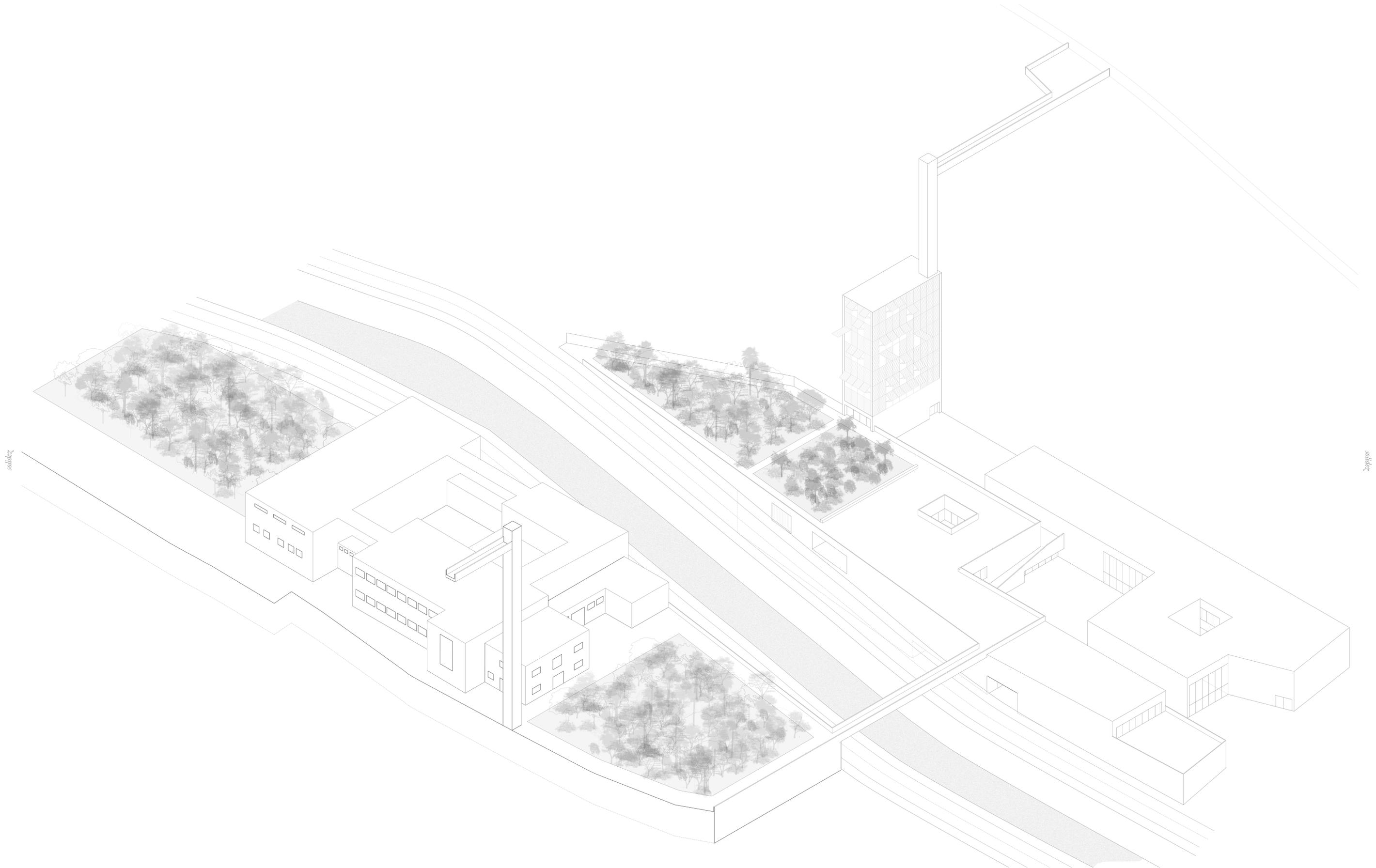
solides

solides



CORTES LONGITUDINAIS
ESCALA 1:250

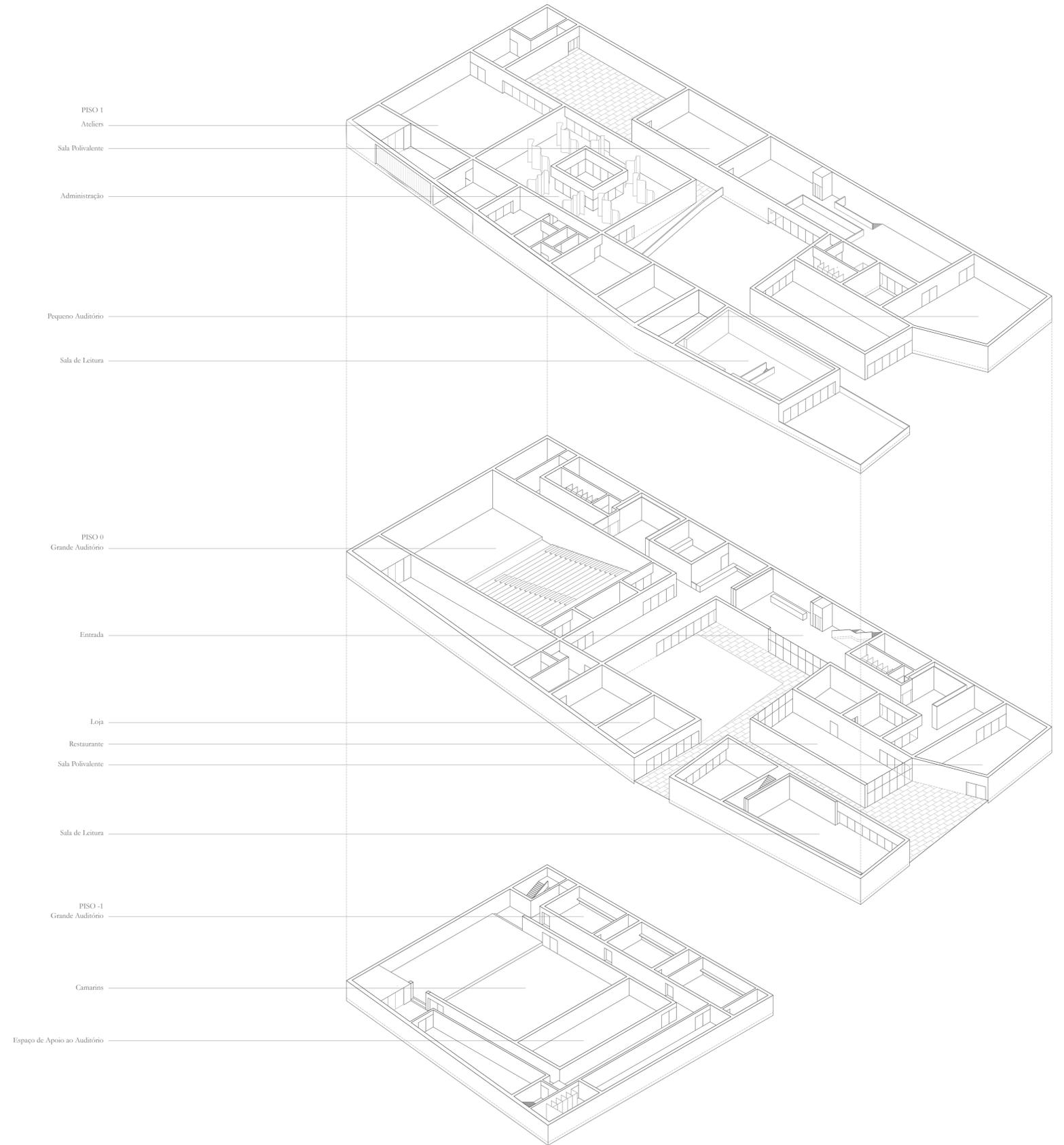




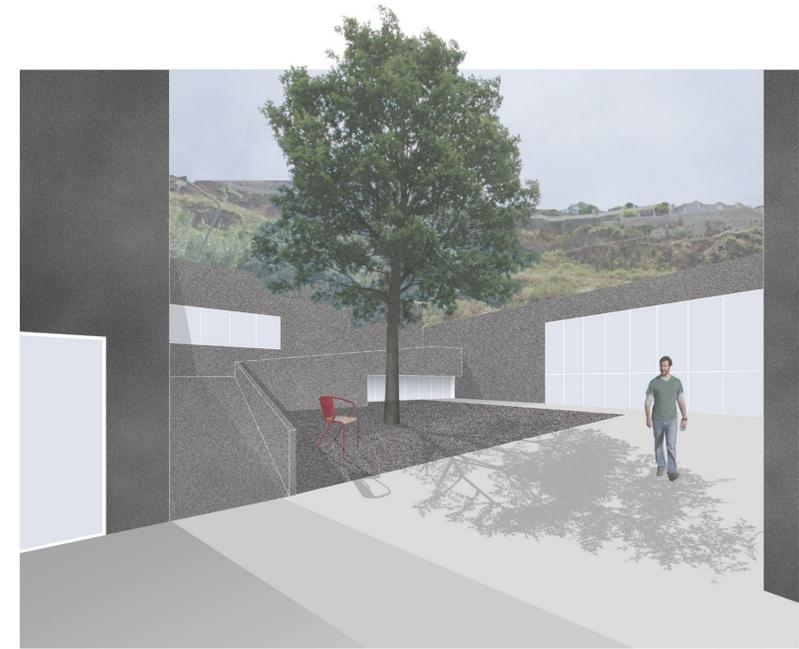
solides

solides

AXONOMETRIA GERAL







VISTA DO PÁTIO PRINCIPAL, DO PÁTIO DO RESTAURANTE E DA COBERTURA

As vistas apresentadas traduzem o ambiente que é esperado encontrar nos pátios do novo edifício. Pátios protegidos pelas paredes de betão escuras do projeto, originando locais calmos e íntimos de convivência e estadia.



Carolina Taron
Sub-orientação de:
Prof. Paulo David
Prof. Daniela Arnaut
Presidente do Júri:
Prof. Manuel Correia Guedes
Arguente:
Prof. Francisco Teixeira Bastos

BIBLIOGRAFIA

CARITA, Rui; História do Funchal, Madeira: Associação Académica da Universidade, 2012
GOUVEIA FRANCO, Sérgio Miguel; A Obra de Edmundo Tavares no Funchal, Porto: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Fernando Pessoa
BELO RODEIA, João e CAMPO BAEZA, Alberto; 2G 28: Aires Mateus, Barcelona: 2G Editora, 2004.
FREITAS DIAS IPOLLITI CARRELHAS, Marta Inês; Os projectos museológicos na obra dos arquitectos Francisco e Manuel Aires Mateus, Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2018.
DAVIDTS, Wouter; Not unlike scale models: Eduardo Chillida and architecture, Frankfurt: Goethe University, 2015.
BRETT, David; Eduardo Chillida, Belfast: Circa Art Magazine, 2015.
BRANDÃO, Raúl; As Ilhas Desconhecidas, Lisboa: Quetzal Editores, 2011.

